

A ESCOLA DA PÓS-MODERNIDADE E AS CRIANÇAS: uma reflexão sob a óptica da educação ambiental e da revolução estética para o pós-pandemia

Wagner Valente dos Passos¹

Resumo: O referente artigo é uma reflexão sobre o grupo social das crianças, as políticas públicas em educação nas cidades de zonas de sacrifício, as novas tecnologias digitais e o contexto da sociedade e cultura neoliberal no pós-pandemia. Em oposição a esta estética burguesa padronizada e a ideologia capitalista, apresenta-se o desenho como proposta de experimentação e expressão artística, integradas à educação ambiental, meio de leitura do mundo, ação de educação libertadora, transformação social e revolução estética para um novo modo de existir, baseado em pesquisas em nível de doutorado, pós-doutorado e no pensamento de autores como Jacques Rancière (2009, 2013, 2018), Pablo René Estévez (2004), Augusto Boal (2009), Paulo Freire (1998, 2011), Ailton Krenak (2020) e Félix Guattari (1990).

Palavras-chave: Criança. Ambiente Escolar. Educação Ambiental. Estética.

THE SCHOOL OF POST-MODERNITY AND CHILDREN: a reflection from the perspective of environmental education and the aesthetic revolution for the post-pandemic

Abstract: The related article is a reflection on the social group of children, public politicals on education in cities with sacrifice zones, new digital technologies and the context of neoliberal society and culture in the post-pandemic. In opposition to this standardized bourgeois aesthetics and capitalist ideology, drawing is presented as a proposal for experimentation and artistic expression, integrated with environmental education, a means of reading the world, liberating education action, social transformation and aesthetic revolution for a new way of existing, based on doctoral, postdoctoral research and on the thinking of authors such as Jacques Rancière (2009, 2013, 2018), Pablo René Estévez (2004), Augusto Boal (2009), Paulo Freire (1998, 2011), Ailton Krenak (2020) and Félix Guattari (1990).

Keywords: Child. School environment. Environmental education. Aesthetics.

LA ESCUELA DE LA POSMODERNIDAD Y LOS NIÑOS: una reflexión desde la perspectiva de la educación ambiental y la revolución estética para la pospandemia.

Resumen: El artículo relacionado es una reflexión sobre el grupo social de los niños, las políticas públicas de educación en las ciudades con zonas de sacrificio, las nuevas tecnologías digitales y el contexto de la sociedad y la cultura neoliberales en la pos pandemia. En oposición a esta estética burguesa estandarizada e ideología capitalista, el dibujo se presenta como una propuesta de experimentación y expresión artística, integrada a la educación ambiental, medio de lectura del mundo, acción educativa liberadora, transformación social y revolución estética para una nueva forma de ser. existente, a partir de investigaciones doctorales y posdoctorales y del pensamiento de autores

¹ Doutor e Mestre em Educação Ambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Graduado em Administração e Ciências Contábeis pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Administrador no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense – IFSUL – Campus Pelotas.

como Jacques Rancière (2009, 2013, 2018), Pablo René Estévez (2004), Augusto Boal (2009), Paulo Freire (1998, 2011), Ailton Krenak (2020) y Félix Guattari (1990).

Palabras clave: Niño. Ambiente escolar. Educación ambiental. Estética.

O contexto social no qual as crianças do povo são recebidas no mundo capitalista ocidental

No início dos anos 2000 a internet se popularizou como uma ferramenta de democratização do conhecimento, de informação e de comunicação. Logo, a pós-modernidade deu a esse utilitário o status de ambiente, de lugar, de espaço. Ou seja, um mundo que não é mundo, mas mais atrativo, sedutor, hipnotizante e importante que o mesmo. Mal percebemos que, aquilo que deveria ser um instrumento de facilitação e melhoria do nosso dia a dia, tornou-se um imenso negócio, concorrente da materialidade, dos relacionamentos sociais presenciais, de prisão e controle social, da realidade e da própria vida.

Com esse imenso poder, surgiu a GAFAM (Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft), grupo de grandes empresas que, além de ofertarem equipamentos, tecnologias, *softwares* e aplicativos, criaram os mecanismos de captura de dados de tudo o que é visto e feito (cliques, textos, sites visitados, sons e vídeos) dentro dos dispositivos (computadores, *notebooks*, *smartphones*, *tablets*) ou em frente aos mesmos, ligados ou desligados, não apenas a partir das chamadas redes sociais, mas também pelas plataformas de serviços, compra e venda, de *streaming* (transmissão de filmes e vídeos como o Youtube e NETFLIX) e jogos de vídeo game, para alimentação dos algoritmos e inteligências artificiais, que não apenas monitoram, mas oferecem informações e imagens, a fim de tornar as pessoas cada vez mais ansiosas, isoladas e dependentes de seus estímulos.

Internet se há centralizado. Al principio, se percibió la Red como una explosión de posibilidades de expresión individuales, que permitía escapar de la dependencia de los monopolios estatales (correos, telégrafo, teléfono), de los gigantes de las telecomunicaciones y de los grandes medios de comunicación dominantes (prensa, radio, televisión). Era sinónimo de libertad, de evasión, de creatividad. Veinte cinco años después, la Red está a punto de sufrir una violenta centralización en torno a ciertas colosales empresas privadas: las GAFAM (Google, Apple, Facebook, Amazon, Microsoft), todas estadounidenses, que, a escala planetaria, acaparan las diferentes facetas de la Red, y de las que son extraordinariamente

dependientes los aproximadamente 3 mil quinientos millones de internauta, quienes, a su vez, las alimentan con todos sus datos personales. Y de este modo, las enriquecen descomunemente. (RAMONET, 2015, p. 16).

Se a televisão, os jornais impressos, as rádios e os livros parecem obsoletos (devido à mudança de mídia de distribuição do conhecimento, do entretenimento e das informações), a escola também passou a ser questionada com relação a sua efetividade, já que, para o senso comum (e para alguns governantes, que propagam a ideia do empreendedorismo e de que os professores são os inimigos do povo, em lugar dos corruptos), a absorção de conhecimento como um processo de desenvolvimento intelectual e cognitivo, tornou-se desnecessária, pois o “conhecimento” encontra-se disponível por meio de uma simples busca no Google e, ao mesmo tempo, o que é transmitido nas escolas é distante da realidade de mercado, o qual os estudantes devem se adaptar e servir, exigindo “visão empreendedora”, “empresarial”, de “inovação tecnológica” para se obter sucesso na vida dentro do padrão burguês instituído, de forma rápida, sem esforço e sem trabalho.

Para um país, cujo projeto de nação é continuar servindo (como faz há 500 anos) ao Capitalismo Mundial Integrado (GUATTARI, 1990); cujo estado é controlado pelas elites econômicas (que enriquecem com leis flexíveis, corrupção e exploração dos trabalhadores, da terra e da natureza); a educação pública para as crianças do povo (os filhos dos trabalhadores) não é tida como um investimento, uma solução para acabar com a pobreza, mas um custo, um problema, um prejuízo, para quem vive da concentração de riqueza e deseja, com o discurso do estado mínimo, abocanhar valores ainda maiores dos recursos públicos, que deveriam servir para melhorar as condições de vida dos trabalhadores, das pessoas e do existir.

A falta de recursos e de planejamento social e ambiental é um dos fatores que impede avanços na qualidade da educação básica pública brasileira (atualmente dependente da falácia do empreendedorismo) e, somado a degradação urbana, problemas de moradia, alimentação, saúde e desemprego, faz com que várias crianças e jovens comecem a trabalhar (quase sempre de forma precarizada), para que consigam algum dinheiro capaz de ajudar a família e pagar as condições mínimas de subsistência.

Assim, muitos filhos de trabalhadores desistem de estudar na passagem do ensino fundamental para o médio, e poucos conseguem passar do ensino médio para as

universidades, principalmente as públicas, dominadas pelos filhos das elites nos cursos de medicina, direito e engenharias (os quais oferecem a garantia de melhores salários), restando ao filho do trabalhador, que se torna trabalhador também e se supera nas suas dificuldades para continuar estudando, pagar uma universidade privada que ofereça cursos na modalidade Educação a Distância – EAD, estudando durante a madrugada ou nos finais de semana, para obter uma formação, um diploma e aumentar a probabilidade de conseguir um emprego.

O futuro das crianças, a inovação tecnológica e a geração da massa de desempregados

Condicionada às demandas do mercado e à formação técnica para fornecimento de mão de obra barata minimamente qualificada, a educação básica pública brasileira, para crianças e jovens, passou a ser desnecessária e um custo na lógica do sistema capitalista, pois o desenvolvimento tecnológico na produção e qualificação de máquinas e *softwares*, dentro das dinâmicas e processos de otimização de custos e maximização de lucros, passou a ocupar milhares de postos de trabalho, não havendo emprego para todos, tampouco a geração de novas vagas.

A riqueza, concentrada cada vez mais na mão de poucos, faz com que a força de trabalho da população vá sendo neutralizada com o desemprego, impedindo a classe trabalhadora de também produzir e gerar riqueza, pois não possui o instrumento dinheiro para intermediar a troca de produtos e serviços (LEFEBVRE, 2011, p. 42).

A forma de compensar a necessidade do básico para subsistência, que dentro da lógica capitalista só é possível por meio do instrumento de troca que é o dinheiro², alterando prioridades e interesses da classe trabalhadora, é anestesiando o corpo e o pensamento por meio da oferta constante de outros valores, outros fetiches, outros sonhos, que ao mesmo tempo parecem próximos, porém nunca possíveis de serem alcançados.

Essa sensação constante de “quase” sucesso na vida via redes sociais, jogos de *videogame*, vídeos no *Youtube* e *Tik Tok*, ou via sexualização e exposição do corpo, torna-se prioridade, não apenas para adultos, como também para jovens e crianças, que nascem e crescem tendo, não mais a escola, o estudo, a qualificação profissional e intelectual como

² Na educação ambiental são estudadas alternativas que propagam a autogestão, a autonomia alimentar, a produção de alimentos por meio da agrofloresta, da agroecologia, que se contrapõem à lógica de produção capitalista.

salvação de um destino de pobreza (a escola passa a ser um protocolo, uma obrigação, como o serviço militar obrigatório), mas a dedicação de horas por dia na navegação e postagens de qualquer coisa na internet (inclusive com incentivo dos pais), esperando, em meio à sensação de frustração constante, a sorte catapultar o indivíduo para o estrelato.

A força do capitalismo reside na cultura que produziu, fundada na exaltação da acumulação privada de bens materiais e na indução ao consumo ilimitado, além da aquisição de um razoável status e certo reconhecimento social. O que mais ela faz é prometer felicidade plena. Entretanto é só promessa e falaciosa. Por mais que utilize todos os mecanismos do marketing, pinte com as cores mais atraentes a realidade e organize todo tipo de entretenimento, não consegue fazer as pessoas felizes. Ao contrário, as torna cada vez mais erráticas, frustradas e vazias, pois suas premissas são falsas ou enganosas. (BOFF, 2017. p. 5).

Logo, aqueles que conseguem servir ao sistema, contribuindo com a alienação coletiva, são recompensados com dinheiro e podem sair da condição dada, para a condição sonhada, da estética burguesa padronizada, produzida, re-produzida, repetida, difundida, até formarem uma identidade (BOURDIEU, 2006).

Ao impulsionar o surgimento de celebridades de conteúdo duvidoso, que ultrapassam os limites éticos e do ridículo, principalmente para as crianças, conquistando seguidores e patrocinadores, vimos o surgimento de ídolos que não possuem a qualificação necessária (nem profissional, nem pedagógica, nem pessoal) para algumas funções de extremo rigor técnico, como aconteceu com o personagem de televisão Donald Trump, nos Estados Unidos, o comediante Volodymyr Zelensky, na Ucrânia, e o personagem de programas humorísticos no Brasil, Jair Bolsonaro, todos identificados com as ideias de extrema-direita e eleitos presidentes de seus respectivos países.

Que por detrás de todas essas máscaras se oculta uma divindade, eis a razão essencial para a típica “idealidade” tão frequentemente admirada daquelas famosas figuras. Foi afirmado por não sei quem que todos os indivíduos seriam, enquanto indivíduos, cômicos e, portanto, não trágicos: de onde se deveria deduzir que os gregos simplesmente não podiam suportar indivíduos no palco trágico. De fato eles parecem ter sentido dessa forma: assim como aquela distinção e estimação platônica da “ideia” em contraposição ao “ídolo”, à cópia, está profundamente alicerçada na essência helênica. (NIETZSCHE, 1878, p. 3-24).

Ser youtuber, influencer, ou jogador profissional de video game passou a ser o

objetivo de vida de muitas crianças e jovens, pela ideia de sucesso alcançado sem esforço, sem a necessidade de trabalhar, mas por consequência de uma singularidade, de um talento descoberto ao acaso, resultado da diversão, do lazer, conquistando admiração, inveja, status, poder, controle sobre pessoas, e também possível garantia de sustento para suas famílias.

Como mágica, na qual simplesmente o coelho sai da cartola e não vemos o tempo falso da mesa, a ideia de sucesso na vida sem trabalho, sem esforço, fascina, encanta, hipnotiza, anestesia, tira da realidade como uma droga. Os problemas individuais e coletivos são ignorados, pois até o corpo passa a ser um empecilho, quando a satisfação da vida está no mundo da imaginação.

A escola na pós-modernidade, esse período pós 1989 com a queda do Muro de Berlim, cuja condição sociocultural e estética dominante é capitalista, individualista, narcisista, consumista, subjetiva, fragmentada, fluídica, acrítica, de virtualidade hiper-realista (BAUMAN, 2001), associada ao período de pós-pandemia, que almeja transformações, aceita como natural o descolamento do estar presente, do existir, da materialidade, das necessidades reais de sobrevivência, para transferi-las a uma dimensão virtual, concedendo o pensar humano às várias inteligências artificiais criadas por grandes empresas, atrofiando assim milhões de cérebros e saberes, que devem, dentro dessa óptica, ocupar-se apenas em anestesiarse com drogas e entretenimento. Assim, não necessitamos mais produzir ciência, conhecimento, quando essas grandes empresas e seus supercomputadores se dispõem a pensar por nós, com o nosso consentimento.

Em 1999, quando foi lançado o filme dirigido pelas irmãs Lilly e Lana Wachowski, protagonizado por Keanu Reeves, intitulado “The Matrix”, o personagem principal, que vivia uma vida tranquila, normal, descobre que tudo ao seu redor não passava de uma projeção introduzida diretamente na sua mente. Na realidade encontrava-se preso a uma cápsula que sugava sua energia e alimentava máquinas sencientes, evoluídas a partir da inteligência artificial que estamos, de fato, construindo hoje, com o objetivo de substituir o ser humano, ou melhor dizendo, substituir populações, a grande massa, a classe trabalhadora do mundo, pois não há dúvidas de que as máquinas serão controladas por alguém, ou seja, quem as produz, aqueles que concentram a riqueza.

Infelizmente, a inovação tecnológica, desenvolvida por muitas escolas e universidades

do Brasil, mesmo aquelas instaladas em cidades industriais, como Rio Grande, no Rio Grande do Sul, chamadas zonas de sacrifício (SANTOS e MACHADO, 2013), não está a serviço das necessidades do povo, da natureza, ou do planeta. Se assim fosse, muitos problemas sociais e ambientais já teriam sido superados, pois conhecimento e tecnologias existem para isso. O que vemos é todo um esforço de muitos educadores, pesquisadores e de recursos públicos, para servir ao Capitalismo Mundial Integrado (GUATTARI, 1990), voltados a aumentar ainda mais o poder das máquinas, o lucro das grandes empresas e a quantidade de pessoas na linha de pobreza, desconsiderando a geração de desemprego e a impossibilidade das pessoas de se readaptarem, de criarem, elas mesmas, sem financiamento público, outros postos de trabalho.

A população mundial acaba de chegar a 8 bilhões de pessoas sem que sejam tomadas medidas práticas perante a catástrofe climática planetária, ou mesmo seja alterado o modo de consumo e produção capitalista. Não há também qualquer intenção ou solidariedade para resolver a questão do crescimento populacional e a diminuição de postos de trabalho. A pobreza, os problemas de saúde pública, de moradia, alimentação, do lixo e violência, não são dos ricos, mas prejuízo social da desigualdade repassado aos pobres. Ou seja, até o momento as elites estão relativamente tranquilas com a situação.

Quando a energia nuclear foi descoberta e transformada em bomba, se percebeu o alto poder de destruição em massa, com a explosão, pelos Estados Unidos, das cidades de Hiroshima e Nagasaki, no Japão. Os acordos internacionais permitiram a produção de bombas, mas não mais o seu uso. Foi preciso um acontecimento de grandes proporções, para que as forças que mandam no mundo cessassem algo produzido por elas mesmas.

Mas ao contrário da energia nuclear, talvez a catástrofe climática não permita reversão quando começarem a acontecer com mais frequência convulsões ambientais em grande escala, principalmente nos países onde as populações relativamente ricas não estão acostumadas a viver na dificuldade.

Este é o contexto do mundo capitalista, no qual as crianças da classe trabalhadora são concebidas, vivem e crescem, sem que haja para elas consolidado o empenho do estado para um debate político-pedagógico, e financiamento, dentro de um projeto de nação, que busque realmente oportunizar condições para uma educação transformadora, na qual possam conhecer, experimentar, descobrir e desenvolver suas potencialidades, nas áreas ambiental,

social e artística, assim como construir uma sociedade democrática, solidária e coletiva.

Permitam que eu comece contrapondo duas concepções diferentes de democracia. Uma delas considera que uma sociedade democrática é aquela em que o povo dispõe de condições de participar de maneira significativa na condução de seus assuntos pessoais e na qual os canais de informação são acessíveis e livres. [...] Outra concepção de democracia é aquela que considera que o povo deve ser impedido de conduzir seus assuntos pessoais e os canais de informação devem ser estreita e rigidamente controlados. (CHOMSKY, 2013, p. 9-10).

Como nos diz Miguel Arroyo, a educação ainda apresenta-se como um meio de esperança de uma vida melhor para muitas famílias e filhos dos trabalhadores, sendo a escola e a universidade espaços que devem ser de debate e reflexão para a transformação social.

A chegada às escolas, à EJA e às universidades dos grupos sociais conscientes de ser produzidos desiguais nas brutais desigualdades humanas, econômicas, sociais, políticas, educacionais obrigam as políticas e o pensamento educacional a repensar e a desconstruir a velha esperança de que pela educação menos desigual teremos uma sociedade, uma República menos desiguais. Obrigam a buscar Outro paradigma político-pedagógico que redefina a relação que os próprios grupos sociais denunciam: a histórica relação entre produção da sub-humanidade, da sub-cidadania, das desigualdades sociais e a reprodução das desigualdades educacionais. Obrigam a superar a educação como pré-condição para o reconhecimento de sua cidadania. De sua humanidade. Obrigam a entender que as suas lutas por escola, educação é um forte indicador de lutas por reconhecimento de sua condição de cidadania já. De humanidade já. Sem condicionantes. (ARROYO, 2018, p. 1107)

Ao permitirmos que o discurso do empreendedorismo invada essas estruturas, colocando os empresários como provedores da vida e do conhecimento, em detrimento dos professores (que já sofrem com escolas sucateadas e baixos salários), permite-se que estes manipulem para si as atenções e o prestígio social, para que sejam eles os escolhidos pelo povo aos cargos públicos eleitorais, ao invés dos líderes comunitários e sindicais, aumentando ainda mais o poder das elites sobre o estado, o direcionamento de recursos para as ações de interesse destes e, conseqüentemente, as desigualdades.

A base metodológica da revolução estética em oposição à estética burguesa padronizada na infância

A partir de pesquisa realizada em nível de doutorado em educação ambiental, na qual foi identificada a estética burguesa padronizada, inspirada em reflexões de Martinelli (2016), Fernandes e Prates (2016), Fernandes e Lippo (2016), Dardo e Laval (2016), Chomsky (2013), Bourdieu (2006) e Badiou (2017), foi possível encontrar em Rancière (2009, 2013, 2018) e Estévez (2004), como também em Boal (2009), Guattari (1990) e Krenak (2020), orientações para a construção de uma outra estética em oposição à estética capitalista, chamada pelos autores de revolução estética, uma proposta de quebra do condicionamento da ideologia capitalista, permitindo reflexões sobre a realidade e outras possibilidades de mundo, a partir do lugar onde se vive, do cotidiano e da nossa relação com o ambiente.

Para Rancière (2002, p.1), a estética não é somente uma questão de imagem; o que muitos tratam como estética é uma "ilusão estética", pois, para existir estética, é necessária uma experiência sensorial específica. Assim, a “autonomia da arte” e a “promessa da política” não são contrapostas. A autonomia é a autonomia da experiência, não a da obra de arte. Colocando de modo diferente, a arte participa do *sensorium* da autonomia na medida em que não é uma obra de arte (RANCIÈRE, 2002, p.5), possibilidade essa percebida também por Scherer (2016) no fazer artístico.

Compreendendo a arte como dimensão da vida humana, é possível perceber que todas as pessoas são artistas, isto é, têm a possibilidade de desenvolver sua consciência artística, sendo que evidentemente há a necessidade de condições estruturais para que isso ocorra. (SCHERER, 2016, p. 62).

Para Rancière, a revolução estética coloca o ser humano diante da sua própria realidade, exatamente pela quebra das ilusões causadas pelos padrões estéticos do capitalismo, que nos condicionam para uma forma de pensar e agir no mundo direcionada à ideologia capitalista.

Quando a revolução estética assume a forma de uma revolução “humana”, anulando a revolução “formal”, a lógica originária é revertida. A autonomia da divindade fútil, sua indisponibilidade, prometeu um dia uma nova era de igualdade. Agora, o cumprimento dessa promessa está identificado com o ato de um sujeito que se livra de todas essas aparências, que

eram somente o sonho de algo que ele agora deve possuir como realidade. (RANCIÈRE, 2002, p. 9).

A associação entre a revolução estética e a educação ambiental pode acontecer segundo algumas possibilidades apresentadas por Acselrad et alli, (2009):

Assim, as lutas por justiça ambiental, tal como caracterizadas no caso brasileiro, combinam:

1- A defesa dos direitos a ambientes culturalmente específicos - comunidades tradicionais situadas na fronteira de expansão das atividades capitalistas e de mercado.

2- A defesa dos direitos a uma proteção ambiental equânime contra a segregação sócio-territorial e a desigualdade ambiental promovidas pelo mercado.

3- A defesa dos direitos de acesso equânime aos recursos ambientais contra a concentração das terras férteis, das águas e do solo seguro nas mãos dos fortes interesses econômicos no mercado.

E também:

4- A defesa dos direitos das populações futuras. Como os representantes dos movimentos fazem logicamente a articulação entre lutas presentes e "direitos futuros"? Propondo a interrupção dos mecanismos de transferência dos custos ambientais do desenvolvimento para os mais pobres. Pois o que estes movimentos tentam mostrar é que, enquanto os males ambientais puderem ser transferidos para os mais pobres, a pressão geral sobre o ambiente não cessará. Eles fazem, assim, a ligação entre o discurso genérico sobre o futuro e as condições históricas concretas pelas quais, no presente, esse futuro está se definindo. Dá-se aí a junção estratégica entre justiça social e proteção ambiental: pela afirmação de que, para barrar a pressão destrutiva sobre o meio de todos, é preciso começar protegendo os mais fracos. (ACSELRAD et. alli, 2009. p. 147).

Em seu livro *La Revolución Estética em La Educación* (2004), Pablo René Estévez nos propõe que o processo artístico deva seguir três objetivos fundamentais, buscados por José Martí, que são: informar, descolonizar e educar.

Dentro de este contexto (hoy potenciado por la política hegemónica de corte neoliberal) se comprende que la más perentoria tarea encaminada a La formación cultural integral de los jóvenes, tiene que estar orientada al cultivo de um sentimento de independencia económica, social, política, técnica y cultural, que permita el necesario distanciamiento para el desarrollo de una consciencia de mismidad. Sólo a partir de ahí será posible avanzar e ir al reencuentro com nuestra identidad mayor: el ser latino-americano. (ESTÉVEZ, 2004, p. 8).

A partir destes autores, das possibilidades abertas pela pesquisa, e das ideias em torno

da aplicação da revolução estética, se buscou no estágio pós-doutoral, dentro do contexto da pandemia da covid-19, a realização de ações que permitissem a sua implementação, de maneira remota, que fosse possível identificar aberturas ou produzir fissuras, clinâmen, criando momentos para a manifestação e expressão de anseios, desejos e outros olhares para um outro mundo possível que poderia estar por vir.

Assim, se propôs o “Curso de Desenho para quem está em quarentena”, que reuniu crianças, jovens e adultos, tendo por princípio a descoberta da própria técnica do desenho e o olhar atencioso para os elementos de seu entorno e seu próprio cotidiano.

Desenvolvimento e resultados do “Curso de Desenho para quem está em quarentena”

Durante a pandemia da covid-19 como desenhista autodidata e estudando formas de aprendizagem e desenvolvimento do desenho, assim como da revolução estética, senti a necessidade de contribuir socialmente, oferecendo gratuitamente uma atividade artística integrando crianças, jovens e adultos, que pudesse proporcionar outros olhares sobre o cotidiano que se repetia dia após dia, um alento para as incertezas que a quarentena trazia. Foi assim criado o "Curso de Desenho para quem está em quarentena", na segunda quinzena de março de 2020 e divulgado via redes sociais, reunindo mais de 500 pessoas em dois grupos de whatsapp.

A participação das crianças estava condicionada à presença de seus pais ou responsável no grupo, proporcionando o cuidado e o diálogo familiar. Logo, as aulas iniciaram com mensagens diárias, contextualizando por escrito algumas atividades. Devido à baixa velocidade de internet para a realização de vídeos, a forma possível de fazer o repasse das informações era anexando imagens de desenhos e informações escritas com material didático em arquivos em PDF, para que houvesse a absorção de conhecimentos, conceitos, referências, ideias e propostas de práticas, para a descoberta e desenvolvimento da habilidade gráfica.

A partir desse momento, iniciava-se a mediação por escrito dos dois grupos, com dicas e atividades a serem realizadas, cujos desenhos poderiam ser compartilhados no dia seguinte dentro do grupo e na hashtag #desenhandoaquarentena, a qual possui hoje mais de 35 mil publicações.

Alguns participantes já possuíam certa bagagem no desenho, enquanto outros se descobriram durante o curso, sentindo-se motivados a desenhar e a compartilhar suas

produções. Ao longo do ano de 2020, devido a algumas necessidades pessoais, não consegui enviar atividades todos os dias conforme previsto. O cansaço coletivo do isolamento e a intensificação da pandemia fizeram com que algumas pessoas começassem a desistir. Houve também quem buscasse uma qualidade do curso, com vídeos e material personalizados dentro de uma estética empresarial, o que também não era possível, principalmente pela limitação de equipamentos e velocidade internet disponível.

O *Inktober*, movimento mundial de desenho que ocorre todos os anos no mês de outubro, foi um grande motivador para os participantes, que desenvolveram suas obras e trocaram desenhos no grupo, postando em suas redes sociais e na hashtag #desenhando na quarentena.

Figura 1 – produções do curso de desenho.



Fonte: "Curso de Desenho para quem está em quarentena", 2020

Ao final, em dezembro de 2020, devido ao cansaço da pandemia, os dois grupos se reduziram a aproximadamente 140 pessoas e foram encerrados em fevereiro de 2021, quando

a falta de expectativa para o fim da pandemia e o aumento do número de mortos sensibilizava a todos.

Com o resultado dos integrantes mais participativos do curso, que se mantiveram em estudos e produção, o desenho se apresentou como uma ferramenta importante, não apenas de escape mental das tensões da pandemia, mas no fazer artístico, experimentando sentimentos, o olhar contemplativo, as sensações de meditação e atenção plena. Junto, foram intensificados os vínculos com as pessoas da própria casa, com a natureza, os seres e objetos de seu cotidiano que, sem o desenho, seriam apenas elementos comuns de presença saturada, sem a imersão, observação e contemplação de seus contornos, texturas, luzes, formas e movimentos, criando outro sentido com o tempo e o espaço de seu convívio.

A partir de exercícios criativos, trabalhados por diversos artistas e pesquisadores, como Carla Sonheim (2010), Sam Piyasena e Beverky Philp (2015), Tereza Koch (2006), Jorge Otávio Zugliani (2007) e Will Eisner (1999), somados à proposta de revolução estética, foi possível desenvolver uma metodologia sintética capaz de permitir a libertação e o desenvolvimento artístico e cognitivo por meio do desenho para crianças, jovens e adultos.

As crianças, o desenho e o ser humano desperto

Para uma criança, a sua segunda forma de se expressar, depois dos sons, é o desenho, e acontece antes da construção da fala. Assim ela já possui desde cedo o despertar do processo de criação, o qual necessita ser estimulado, não só para o desenvolvimento de sua cognição e criatividade, mas por estar ali construindo algo pelas próprias mãos, sendo importante a valorização e o reconhecimento deste trabalho como uma obra e, conseqüentemente, seu incentivo.

O desenho não acontece na mão, muito menos no computador. O desenho precisa acontecer primeiro em alguma sala iluminada do cérebro. É lá onde ele acontece, escorre pelo pescoço, passa pela mão até chegar na ponta do lápis, da caneta do tablet ou qualquer outra ferramenta. O desenho tem e deve ser, antes de tudo, um pensamento, uma ideia (PEDROSO, 2013).

No entanto, é muitas vezes na escola que a criança ouve pela primeira vez, e infelizmente, por meio de alguns professores, que seu desenho está feio ou errado, ou que ela não sabe desenhar. Ali nasce uma crença limitante de incapacidade sem que tenha de fato

trabalhado ou experienciado toda sua criatividade possível, surgindo um bloqueio que se repetirá em outras áreas da vida quando o gatilho da crítica for despertado, impedindo que a pessoa descubra, acesse e desenvolva suas potencialidades.

Logo, é por meio do desenho livre, da livre manifestação, da liberdade de riscar sem medo de estragar o lápis e o papel, que a criança pode ser estimulada a criar.

Muitos pais freiam a imersão de seus filhos na arte quando eles estão mais empenhados e despertados, pelo preconceito de que os mesmos se tornem artistas talentosos e não consigam trabalhar na área e, conseqüentemente, se sustentar. Ao contrário, quando acontece o incentivo da família, estes jovens acabam desenvolvendo seu potencial artístico, o que contribui para o desenvolvimento pessoal e de outras profissões que desejem exercer.

Percebe-se, assim, o quanto, dentro da luta de classes, há a tentativa do impedimento da classe trabalhadora, desde criança, de se tornar potencialmente criativa, crítica e ter conhecimento, o que colocaria em xeque a ideia de que as coisas boas devem ser apenas produzidas e disponibilizadas pelos e para os ricos, e somente os ricos são bons, porque assim é e não pode ser mudado.

A ideologia fatalista, imobilizante, que anima o discurso neoliberal anda solta no mundo. Com ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, de histórica e cultural, passa a ser ou a virar "quase natural". Frases como "a realidade é assim mesmo, que podemos fazer?" ou "o desemprego do mundo é uma fatalidade do século" expressam bem o fatalismo desta ideologia e sua indiscutível vontade imobilizadora. Do ponto de vista de tal ideologia, só há uma saída para a prática educativa: adaptar o educando a esta realidade que não pode ser mudada. O de que se precisa, por isso mesmo, é o treino técnico indispensável à adaptação do educando, à sua sobrevivência. (FREIRE, 1998, p. 21)

Eduardo Galeano também reflete acerca da mesma questão:

O sistema não previu esta pequena chateação: o que sobra é gente. E gente se reproduz. Faz-se amor com entusiasmo e sem precauções. Cada vez mais, fica gente à beira do caminho, sem trabalho no campo, onde o latifúndio reina com suas gigantescas terras ociosas, e sem trabalho na cidade, onde reinam as máquinas: o sistema vomita homens. As missões norte-americanas esterilizaram maciçamente mulheres e semeiam pílulas, diafragmas, DIUs, preservativos e almanaques marcados, mas colhem crianças; obstinadamente, as crianças latino-americanas continuam nascendo, reivindicando seu direito natural de obter um lugar ao sol, nestas terras esplêndidas, que poderiam dar a todos o que a quase todos negam. (GALEANO, 1978, p. 16)

É preciso ver as crianças não como um copo vazio que deve ser preenchido de conteúdos empresariais e tecnológicos, na tentativa de qualificá-la para competição com outros iguais para servir ao mercado. Nem como um *bonsai*, cujas raízes e galhos são constantemente podados para viverem uma vida presos a um pequeno vaso.

Observe as mudas de árvores que nascem ou são plantadas diretamente no solo. Elas estão ali absorvendo água, luz, nutrientes; seus galhos crescem, suas raízes se aprofundam, transformando toda energia em tronco, casca, galhos, ramos, folhas e frutos, seguindo seu fluxo natural. A escola, a família, a sociedade precisa dar às crianças as condições necessárias para descobrirem quem elas são, para manifestarem plenamente o seu existir, brincando, sorrindo, aprendendo e crescendo, tornando-se, pela via de uma educação integral, um cidadão pleno.

Considerações finais

Entender as crianças como um grupo social integrado à sociedade é um desafio, pois como estão sempre condicionadas às decisões dos adultos, são excluídas dos processos de decisão e desconsideradas do contexto e de seu futuro. Por isso, os novos indivíduos, que substituirão os antigos, em um movimento contínuo de renovação da espécie humana, tendem a manter o mundo como está, pois a educação recebida e as forças dominantes e de controle social operam para as elites. Ou seja, o povo é educado a ser povo dentro do conceito de povo que nos é imposto: uma grande massa de pessoas inferiores e submissas aos ricos.

Porém, esse debate só é possível porque, em meio a ordem imposta, há educadores que questionam, problematizam e propõem uma educação crítica e transformadora; que trazem para o processo de educar uma prática, para além da transmissão de conteúdos, incentivando o olhar atento, apoiando, participando, propondo e produzindo as ações que tanto discursam, fazendo a diferença no mundo a partir do lugar em que vive.

Embora estejamos vivendo uma sociedade dividida em classes, é importante perguntarmos quem construiu e controla essa abstração que condiciona multidões a espaços e ambientes degradados, enquanto alguns poucos desfrutam do requinte e do acesso a tudo que há de bom e de melhor disponível no mundo?

A pós-modernidade dirá que nós mesmos, a sociedade, cada um de nós, por nossas

escolhas, colocando ricos e pobres no mesmo nível de decisão social, em democracia plena, desconsiderando a existência de classes sociais, como se nada fosse imposto por quem tem poder. Mas se tivéssemos realmente essa oportunidade de escolher, não escolheríamos dividir a riqueza, o poder e os recursos do estado para melhoria das condições de vida de todo mundo? Se escolhermos a desigualdade, por que escolhemos não ser quem lucra, mas quem precisa sobreviver ao prejuízo?

Por que os trabalhadores da educação, para além dos conteúdos, não rompem os protocolos e educam nossas crianças a serem solidárias, coletivas, colaborativas, para conseguirmos organizar e construir no futuro uma sociedade consciente de que é classe trabalhadora? Por que o individualismo, a competição, a ganância são valores potencializados na escola, colocando as crianças em conflito umas com as outras, em concorrência para ver quem consegue se qualificar melhor, ganhar do outro, para melhor servir às elites que nos controlam?

Ninguém se pergunta por que perdemos nas periferias tantas crianças para facções criminosas, incluindo vários gênios que, sem oportunidade de continuar estudando e obter um bom trabalho, com salário digno às suas capacidades, são recrutados por essas organizações para operarem sistemas complexos de logística e tecnologia, legalizando fortunas obtidas por esta mesma ordem capitalista nas suas práticas ilegais?

Por isso se justificaria o sucateamento das escolas, a falta de oportunidades, o subdesenvolvimento intelectual, artístico, físico, moral e ético das crianças? Para servirem de força de trabalho, não apenas para a indústria que explora trabalhadores, mas também para o crime organizado?

Esses questionamentos nos apontam o quanto importante é reinventarmos a escola, como um lugar de educação e formação humana, e também de ponto de cultura e congregação comunitária, pois, dependendo da ideologia que a orienta, determina-se qual o futuro de nossas crianças no contexto de mundo: se de condicionamento ou de transformação social.

Somos uma espécie bastante nova criada pela natureza e desenvolvemos a capacidade de construir coisas, de produzir ferramentas, de fazer filosofia (uma barreira biológica para a inteligência artificial). Muitas pessoas acham o máximo ver bebês usando o celular e passando horas em jogos interativos, mas isso pouco se reflete adiante, na capacidade de

absorver conhecimento, na formação de indivíduos extremamente inteligentes ou capazes de ter e realizar ideias inovadoras. Pelo contrário, o que vemos é alienação, incapacidade de analisar processos, redução da cognição, anulação, dificuldade de relacionar-se, isolamento e depressão.

Quando se descobre que essas mesmas crianças, quando crescem, não conseguem escrever um texto, ou fazer uma conta, ou discernir e realizar escolhas simples, percebemos que algo está errado, que há um retrocesso negligenciado nesse deslumbramento das telas, das inteligências artificiais e do discurso empreendedor, da inovação tecnológica, que não contribui com a solução de problemas crônicos da nossa sociedade. Assim, vemos constantemente alunos usando fones de ouvido, com seus *smartphones*, ouvindo música, navegando nas redes sociais, ou jogando vídeo game, em plena sala de aula, sem qualquer atenção ou consideração para com a professora que está ali, explicando algum conteúdo ou propondo uma atividade, como se tivessem fazendo algo muito mais importante do que o momento vivido como estudante.

Com o endeusamento dos ricos e a promessa de um achado midiático que permita a ascensão social, o inimigo passa a ser exatamente aqueles trabalhadores que apontam os problemas, que tentam solucioná-los, pois quebram a ilusão (tida como direito) de sonhar em se tornar, sem esforço, ao acaso, por sorte, um rico. A lógica da alienação capitalista entra na mente da mesma forma que o vício em jogo, no qual, ao invés de dinheiro, de fichas, o apostador joga fora seu tempo.

O estado erra ao buscar homogeneizar e generalizar todas as crianças em uma única linha de perspectiva e objetivos de vida dentro da escola (a do empreendedor), tratando aqueles que não terão recursos para abrirem suas empresas (e serão para sempre trabalhadores, muitos constantemente desempregados), como socialmente fracassados e destinados a viver uma condição inferior. Se não houver pão e circo, comida e entretenimento, uma legião de pessoas sem emprego, sem recursos, frustradas, com fome e com sede, se formará. E os cenários possíveis para essa situação não são os melhores.

É preciso um projeto de valorização do trabalho, não como meio de sofrimento, pelo qual muitas gerações de trabalhadores foram e são exploradas³. É preciso condições dignas,

³ Ver reportagem referente a aproximadamente 200 pessoas da Bahia que trabalhavam para as vinícolas Salton,

na escola e na sociedade, para que o trabalho seja reconhecido como um processo necessário de construção, de produção, de contribuição social e qualidade de vida das pessoas, de um povo, o qual não pode ser impedido, com o desemprego, de trabalhar e existir.

A maior riqueza da vida está na sua diversidade, que busca alcançar o máximo de opções possíveis de continuar, progredir e melhorar a si mesma. Por isso, a todo momento nasce uma criança.

Pensemos na humanidade não apenas como indivíduos, mas como um organismo vivo, uma colônia com milhares de inteligências intrínsecas e coletivas, dependente de cada um em uma articulação entre todos. Por mais individualistas e competitivos que sejamos, há trabalho de muitas mãos, de muitas nações, em cada objeto, em cada produto e serviço que possuímos e consumimos, por isso necessitamos do coletivo em tudo que vivemos. A natureza não evolui pelas guerras, mas pela solidariedade.

Por isso, trazendo essa abstração para a lógica social humana, é importante a existência do estado como intermediador dessa solidariedade, o qual, se não estivesse sob o poder e controle das elites econômicas, deveria promover a redistribuição da riqueza por meio da reforma agrária, da taxaço de grandes fortunas, do rigor e cumprimento das leis ambientais para o respeito e preservação da natureza; assim como políticas de pagamento de salários dignos, pleno emprego, educação, moradia, segurança e saúde pública, para melhoria da qualidade de vida de todas as pessoas.

Oportunizar às crianças o cuidado, a proteção, o respeito, a educação, as condições e o ambiente necessário para aprenderem, para desenvolverem conhecimento e expressarem suas energias, sua vida, sua alegria e esperança não é nada mais do que um direito delas e uma obrigação de todos nós, adultos, e do estado.

Não chegamos a falar das crianças com necessidades específicas e das milhares de crianças que vivem em abrigos e orfanatos, sem interação familiar e social, largadas no mundo quando completam 18 anos, que necessitariam de muito mais apoio e recursos para tornarem-se capazes de interagir na sociedade, sem serem marginalizadas. Uma categoria de excluídos e invisíveis que pouco aparece quando se fala em educação.

Garibaldi e Aurora, no Rio Grande do Sul, em condições análogas à escravidão no site: <https://g1.globo.com/rs/noticia/2023/03/10/salton-autora-e-garibaldi-pagarao-r-7-milhoes-em-indenizacao-apos-resgate-de-trabalhadores-em-situacao-analoga-a-escravidao.ghtml>

Revista Momento – diálogos em educação, E-ISSN 2316-3100, v. 32, n. 1, p. 162-182, jan./abr., 2023. 179
DOI:

Podemos ter iniciativas populares, independentes, coletivas, mas nunca devemos abdicar de exigir do estado, abrindo mão dessa estrutura, por aceitar estar sob o controle dos ricos, exatamente porque é ele que gere nossa vida social e os recursos solidários que produzimos e pagamos com nossos impostos. O mesmo deve cumprir com seu papel de proteger populações e ambientes, assim como ser o intermediador e redistribuidor da riqueza dentro da lógica que defendemos para a justiça ambiental.

Repensar a educação, discutindo um projeto de nação, buscando entender as peculiaridades locais, regionais, urbanas, rurais e ambientais é necessário e urgente para o Brasil, para se produzir uma escola que, ao invés de contribuir para a continuidade dos problemas sociais e do condicionamento de nossas crianças ao mercado, seja o templo do conhecimento, sagrado para a sociedade, o lugar do aprendizado, de saber sobre o trabalho, a história, a ciência e a natureza, na construção de cidadãos integrados, felizes e plenos, para que sejam pessoas melhores do que fomos, do que somos e do que poderíamos ser.

Referências

ACSELRAD, Henri; MELLO, Cecília Campelo Amaral; BEZERRA, Gustavo das Neves. **O que é justiça ambiental?** Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

ARROYO, Miguel Gonzales. **Reafirmação das lutas pela educação em uma sociedade desigual?** In: 40 ANOS: EDUCAÇÃO & SOCIEDADE SEÇÃO COMEMORATIVA. Campinas: Centro de Estudos Educação e Sociedade – CEDES, v.39, n°. 145, out.-dez., 2018. p.1098-1117. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/es/a/jZgN9bxbKPr8m5SKrNCQr5f/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em 12 de mar. 2023.

BADIOU, Alain. **Em busca do real perdido.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOAL, Augusto. **A estética do oprimido.** Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BOFF, Leonardo. **Podemos ser felizes num mundo infeliz?** In: Revista Caros Amigos - edição especial nº 85. São Paulo: Editora Caros Amigos, 2017.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2006.

CHOMSKY, Noam. **Mídia: propaganda política e manipulação.** São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2013.

DARDOT, Pierre. LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ESTÉVEZ, Pablo. R. **La revolución estética en la educación**. Ciudad de La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 2004.

FERNANDES, Idília; LIPPO, Humberto. A produção social de uma estética padronizada. In: FERNANDES, Idília. PRATES, Jane Cruz. **Diversidade e estética em Marx e Engels**. Campinas: Papel Social, 2016. p. 23 - 50.

FERNANDES, Idília; PRATES, Jane Cruz. **Diversidade e estética em Marx e Engels**. Campinas: Papel Social, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papyrus, 1990.

KOCH, Tereza. **Aquarela e seus segredos**. Curitiba: Olhar Brasileiro, 2006.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MARTINELLI, Maria Lúcia. Prefácio. In: FERNANDES, Idília. PRATES, Jane Cruz (Orgs.). **Diversidade e estética em Marx e Engels**. Campinas: Papel Social, 2016. p. 13-15.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Die geburt der tragödie aus dem geiste der musik. 1878. In: DUARTE, Rodrigo (org). **O belo autônomo**: textos clássicos de estética. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Crisálida, 2013. p.241-264.

PEDROSO, Orlando. **A história do menino que queria desenhar com o mouse**. Disponível em <http://blogdoorlando.blogosfera.uol.com.br/2013/10/03/a-historia-do-menino-que-queria-desenhar-com-o-mouse/>. Acesso em 05 out. 2013.

PIYASENA, Sam; PHILP, Beverly. **Desenhe!**: curso de desenho dinâmico para qualquer um com papel e lápis a mão. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.

RAMONET, Ignacio. **El imperio de lavigilancia**. Madrid: Clave Intelectual, 2015.

RANCIÈRE, Jacques. **A revolução estética e seus resultados**. New Left Review, NLR 14,

2002. In: Projeto Revoluções. São Paulo: Instituto de Tecnologia Social - ITS BRASIL, Secretaria Nacional de Direitos Humanos da Presidência da República, SESC-SP, Boitempo Editorial, 2011. Disponível em <http://www.revolucoes.org.br/v1/sites/default/files/a_revolucao_estetica_jacques_ranciere.pdf>. Acesso em 20 de mai. 2018.

RANCIÉRE, Jacques. **Partilha do sensível**, 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora 34, 2009a.

RANCIÉRE, Jacques. **O inconsciente estético**. São Paulo: Editora 34. 2009b.

RANCIÉRE, Jacques. **AISTHESIS** – Escenas del régimen estético del arte, Bordes Manantial, Buenos Aires, 2013.

SANTOS, Caio Floriano; MACHADO, Carlos RS. Extremo Sul do Brasil – uma grande “zona de sacrifício” ou “paraíso de poluição”. In: MACHADO, Carlos RS; SANTOS, Caio Floriano; ARAÚJO, Claudionor F.; PASSOS, Wagner V. (Orgs). **Conflitos ambientais e urbanos: debates, lutas e desafios**. Porto Alegre: Evangraf, 2013. p. 181-204.

SCHERER, Giovane Antonio. Entre cores, tons, sons e cenários: o papel da arte como uma dimensão da vida humana no enfrentamento ao pensamento fetichizado. In: FERNANDES, Idília. PRATES, Jane C. **Diversidade e estética em Marx e Engels**. Campinas: Papel Social, 2016. p. 51 - 60.

SONHEIM, Carla. **Laboratório de desenho para artistas de técnica mista: 52 exercícios criativos para desenhar com diversão!** São Paulo: Ambiente & Costumes, 2010.

ZUGLIANI, Jorge Otávio (Jozz). **O circo de Lucca**. São Paulo: Devir, 2007.

Submissão em: 10/12/2022

Aceito em: 19/03/2023

Citações e referências
conforme normas da:



ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA
DE NORMAS
TÉCNICAS